



Apresentação

Discursos políticos na contemporaneidade: desafios teóricos e analíticos

Oriana N. Fulaneti*

Alexandre Marcelo Bueno **

(Editores convidados)

Em maio de 2019, o Brasil assistiu a uma série de manifestações contra o corte de gastos na Educação, sobretudo no ensino superior, implementado pelo presidente Jair Bolsonaro. Assim como no período da campanha eleitoral, menos de um ano antes, houve muitas disputas nas redes sociais, não apenas por um projeto político, mas para provar a “verdade”. A política se faz atualmente através do uso das novas tecnologias, das redes sociais, afirmando-se “verdades” ou disseminando-se “fake news”, com gestos de humanos e de robôs. Apesar da profusão de discursos que defendem o “fim da política” (assim como outros defendem o “fim da história”, o “fim do comunismo” etc.), observa-se pelas redes sociais que a política tem mobilizado muitas paixões, inclusive desfazendo amizades virtuais. Entretanto, fatores como os anteriormente mencionados – novas tecnologias, redes sociais, *fake news* – representam apenas uma parte de uma nova configuração de política que está se delineando, a qual pode ser observada ainda com o surgimento e expansão de movimentos extremistas intolerantes, a negação de lideranças únicas e convencionais, a multiplicação e o fracionamento das pautas e reivindicações, a desvalorização da política institucional, entre outras. Enquanto objeto de pesquisa, o universo político tem atraído cada vez mais interessados em estudá-lo e compreendê-lo como fenômeno contemporâneo e chave explicativa para a organização de axiologias nas sociedades. Há, desse modo, um desafio que se apresenta para os estudiosos do discurso, o de testar/atualizar/desenvolver metodologias que contribuam para compreender e explicar o funcionamento e a circulação dos discursos políticos contemporâneos. Esse é o desafio assumido pelo presente dossiê “Discursos políticos na contemporaneidade: desafios teóricos e analíticos”, que não defende uma única definição de discurso político, pelo

DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.148997

* Docente do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB, Brasil. Endereço para correspondência: (od.fulaneti@uol.com.br). ORCID iD: (<https://orcid.org/0000-0001-5959-7292>)

** Docente do Programa de Mestrado em Linguística da Universidade de Franca (UNIFRAN), São Paulo, Brasil. Endereço para correspondência: (alexandrembueno@gmail.com). ORCID iD: (<https://orcid.org/0000-0002-0798-3615>)

contrário, deseja ressaltar a diversidade de definições e de objetos relacionados ao campo. Trata-se, de partida, de uma visada de múltiplos desafios e direções para a semiótica e outras teorias do discurso.

Em um mosaico de reflexões possíveis sobre o discurso político contemporâneo e os modos de analisá-lo, os artigos aqui reunidos foram produzidos por semioticistas e analistas do discurso de universidades de diferentes regiões do Brasil, além de estudiosos da Europa e da América Latina.

No primeiro texto do dossiê, “Fragmentos de um discurso político. Intervenções críticas”, Gianfranco Marrone (Universidade de Palermo, Itália) busca mostrar o caráter semiótico da política e, sobretudo, o caráter político da semiótica. Para isso, tece suas intervenções críticas a partir de seis questões políticas, focando em seus desdobramentos contemporâneos. Inicialmente, o medo, abordado como uma paixão paralisante. Em seguida, as competências – associadas à nossa relação com o conhecimento e o saber. Nesse caso, o autor resalta o atual “culto à ignorância” em que vivemos. Como terceira questão, Marrone elege as estratégias políticas, com ênfase para a denegação, tratando, em seguida, de uma segunda paixão apontada como essencial ao discurso político contemporâneo, o rancor, entendido como ressentimento e desejo de revanche. A questão da exposição do eu e das autorrepresentações é também abordada pelo semioticista italiano na seção “teatro”. Por fim, discutem-se “as máfias”, como instrumento de poder, e como, muitas vezes, a disputa por se projetar como antimafioso e conquistar a Opinião Pública vem acompanhada do uso de estratégias mafiosas.

Voltando o olhar para a situação política contemporânea, o texto “Sobre o conceito de ator coletivo: a construção discursiva do manifestante de rua em postagens do Facebook da *Mídia Ninja*”, de Marcos Rogério Martins Costa (Faculdade Unificada do Estado de São Paulo) examina a discursivização das manifestações favoráveis e contrárias à permanência de Dilma Rousseff em 2015, ano decisivo para o *impeachment* da ex-presidenta. Em particular, sua análise recorre à noção de actante coletivo para lhe dar um tratamento tensivo a partir das significações elaboradas pela chamada mídia alternativa, cuja particularidade está em transmitir e registrar os acontecimentos políticos ao mesmo tempo em que ocorrem. Por meio da análise de um modo bastante atual de se fazer jornalismo político, Costa demonstra a existência de ao menos dois atores coletivos distintos, um com traços semânticos mais generalizados e outro com um viés mais personalizado.

Ainda no campo dos embates políticos durante o governo Dilma Rousseff, Paolo Demuru (Universidade Paulista), no artigo “Simboli nazionali, regimi di interazioni e populismo mediatico: prospettive sociosemiotiche”, estabelece um produtivo e original diálogo entre os regimes de interação e sentido de Eric Landowski e a noção de modo simbólico de Umberto Eco para examinar a função dos símbolos nacionais brasileiros nos discursos políticos e midiáticos. O trabalho examina o percurso até o *impeachment* de Dilma Rousseff e utiliza esse acontecimento político para propor uma reflexão sobre a carga estésico-passional que os símbolos nacionais mobilizam nas interações entre os sujeitos. Em outras palavras, o autor propõe uma original leitura sobre os diferentes usos dos símbolos nacionais em diferentes campos políticos e aponta para as consequências políticas (algumas das quais vivemos na atualidade) que os estudos discursivos devem enfrentar.

Uma outra questão política atual na América Latina é a situação da Venezuela. Este tema é desenvolvido pelo artigo “O enfraquecimento da democracia na Venezuela: o caso Afuni”, a partir do exame de dois acontecimentos na política venezuelana, envolvendo o ex-presidente Chávez. A partir da ordem de prisão de uma juíza, e do pedido de Chávez para lhe dar a sentença máxima por ela não ter cumprido seus desejos de manter um banqueiro na prisão, Alexandra Álvarez Muro (Universidad de Los Andes, Venezuela) examina situações de comunicação veiculadas nas mídias venezuelanas. O que seu trabalho observa é o exercício pleno de poder de um governo autoritário, sobretudo o poder executivo e uma parte do poder judiciário, em especial a Procuradoria Geral da República. Em ambos os casos, há diferentes traços que revelam tal autoritarismo para explicitar ou tornar invisível tal poder nos meios de comunicação. Assim, a autora apresenta um modelo em que é possível observar o exercício autoritário do poder em diferentes níveis da linguagem.

Sônia Merith-Claras (Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná) estuda o jogo de persuasão entre enunciador e enunciatário em um objeto dos mais importantes na atualidade: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A partir de diferentes versões do texto, a autora mostra uma correlação entre o tempo histórico de um determinado governo e as alterações realizadas no documento oficial do MEC. Apesar de a estratégia do enunciador ser a de querer mostrar a BNCC como um discurso construído por uma coletividade, a autora mostra justamente o contrário: que o discurso jurídico e governamental não é desprovido de posicionamentos políticos e referências ideológicas, tal como atualmente deseja fazer-criar a sociedade em geral.

Adriana Baggio e Nanci Luz (Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba) trazem em pauta a discussão sobre novas tecnologias e práticas políticas no artigo “A dimensão política do assédio sexual de rua: aplicativos de mapeamento como iniciativas de cidade inteligente”, no qual analisam quatro aplicativos para *smartphones* destinados a combater o assédio sexual a mulheres. O conceito de cidade inteligente é definido semioticamente como “adjuvantes na conquista dos objetos de valor da sociedade” e os aplicativos são considerados textos sincréticos. Valendo-se da capacidade heurística da semiótica, as autoras procuram investigar em que medida os aplicativos estudados correspondem a políticas de construção de cidades inteligentes, o que, no caso, significa contribuir para melhorar a mobilidade feminina e combater o assédio sexual.

No artigo “#Mariellepresente: é preciso inocular a luta ‘da memória contra o esquecimento’ nas mídias”, Roberto Leiser Baronas e Lígia Mara Boin Menossi de Araújo (Universidade Federal de São Carlos, São Paulo), através da análise da *hashtag* #Mariellepresente, que surge na rede social *Instagram* após o assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes, refletem sobre os desafios metodológicos para a análise de práticas e discursos políticos contemporâneos. Trazendo à baila conceitos desenvolvidos por Paveau (2017), como *operações tecnodiscursivas*, *formas tecnolinguageiras* e *memória tecnodiscursiva*, os autores afirmam não ser possível “analisar as novas textualidades, que circulam no virtual, da mesma maneira como analisamos as textualidades que circulam em plataformas mais tradicionais”. O estudo discute o funcionamento discursivo e a

circulação da *hashtag* na gestão da memória do papel político de Marielle Franco.

Em seu texto “O presidente está nu? Roupas e mundo ético”, Sírio Possenti (Universidade Estadual de Campinas, São Paulo) propõe a ampliação do alcance do conceito de *ethos* para o de mundo ético, aplicando sua proposta à análise de personalidades políticas. Sua tese é a de que “tanto os enunciados verbais quanto o mundo ético – um corpo, vestuário, movimentação no espaço (social, doméstico) – definem um sujeito, especialmente um sujeito político, uma figura pública”. Após uma breve apresentação das formas de interpretação de imagens adotadas por diferentes autores da Análise do Discurso francesa, Possenti analisa reportagens que comentam o modo de vestir de políticos brasileiros, focando em Bolsonaro. O exame realizado pelo autor mostra as diferentes estratégias adotadas ao longo da campanha presidencial, as quais contribuem para a construção da imagem de um “homem comum”.

Encerrando o dossiê temático, mas não o número como um todo, o artigo “As transparências enganam”, de Juan Alonso (Universidade Paris Descartes, França), tece uma reflexão sobre “os conflitos enunciativos da construção do discurso político como ‘mediação’ semiótica”. De acordo com o autor, assim como os homens possuem um antigo desejo (ou ilusão?) de acessar diretamente o pensamento e “a verdade” por meio da linguagem, há na ação e no discurso políticos uma vontade crescente de transparência, como se fosse possível burlar a representação e fazer com que o representante seja um “espelho de seus representados”. Nesse sentido, Alonso analisa estratégias discursivas adotadas por políticos franceses para parecerem transparentes, mostrando seu funcionamento e alguns de seus efeitos de sentido, como a “transparência exibicionista” e a “normalidade excessiva”, estratégias extremamente semelhantes àquelas apresentadas por Sírio Possenti em sua análise sobre a campanha do então candidato Jair Bolsonaro.

De modo geral, os artigos apresentados no presente dossiê indicam caminhos possíveis para entender e analisar questões contemporâneas no campo político. Mais do que uma mera relação de análise, os textos mostram a força das teorias do discurso para mobilizar os temas mais atuais que vivenciamos no Brasil e no Mundo. Ainda mais neste momento em que observamos o retorno de posições extremistas na política, pensar e pesquisar tal fenômeno se torna um gesto de resistência diante da possibilidade de vivenciarmos o insensato e o insensível, regimes de não-sentido que parecem querer ser impostos pelo governo atual e pela ideologia conservadora (nos costumes) e neoliberal (na economia política). Esperamos, assim, que este dossiê temático dentro do número 1, volume 15, da revista *Estudos Semióticos* se torne um documento de civilização em contraposição à barbárie que ensombrece nosso horizonte imediato.

Mas não é tudo. Este número da revista conta ainda com uma nova seção, *Varia*, na qual serão publicados os artigos, recebidos em fluxo contínuo, não pertencentes ao dossiê temático da vez.

Na seção *Varia* desta edição, são cinco os artigos publicados e que se dedicam a temáticas bastante distintas. O primeiro deles, “Por uma semiótica regida pela metodologia”, de Jacques Fontanille e Didier Tsala-Effa (Universidade de Limoges, França), apresenta, pensando no diálogo que a semiótica estabelece com outras disciplinas, uma importante reflexão acerca do lugar da interpretação de

dados e dos resultados obtidos na pesquisa semiótica. Os autores sugerem que a proposta semiótica seja orientada pela metodologia e não pela epistemologia que fundamenta seu campo de pertinência teórico. Para respaldar tal deslocamento de prioridades, Fontanille e Tsala se apoiam na defesa de que a metodologia dá conta da singularidade dos objetos particulares de pesquisa, sendo, além disso, o meio pelo qual a semiótica pode estabelecer um diálogo com outras disciplinas que têm a significação como ponto em comum. Em particular, eles trabalham com a relação entre a semiótica e uma etno-antropologia, a partir da qual abrem uma via em que se pode observar a diversidade de metodologias como uma característica da semiótica contemporânea, inclusive para tratar das significações do campo social e político.

O segundo artigo é “Uma abordagem semiótica da messianidade de Portugal em *Mensagem*, de Fernando Pessoa”, de Clebson Luiz de Brito (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e Glaucia Muniz Proença Lara (Universidade Federal de Minas Gerais), no qual é explorado um conjunto de poemas que integram a obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa, com o intuito de examinar a estrutura narrativa subjacente à elaboração poética do messianismo português na retomada da história de Portugal pelo poeta. Assim, os autores procuram demonstrar que o discurso de Pessoa firma-se sobre um contrato transcendente que distingue Portugal das demais nações, contrato esse que, conforme será explicitado, revela-se, sobretudo, no uso reiterado das etapas narrativas da manipulação e da sanção.

Já Fernando Martins Fiori e Mônica Baltazar Diniz Signori (Universidade Federal de São Carlos, São Paulo), em “Inter-relações e ressignificações do discurso bíblico no filme *The Crow* (1994)”, vão propor uma análise das relações de significação que o texto selecionado estabelece com mitos explorados pelo discurso bíblico. A partir de uma breve discussão sobre as noções de intertextualidade e interdiscursividade, que vai culminar nas relações de concordância ou confronto entre texto-base e texto-variante – conforme propostas por Norma Discini em *Intertextualidade e Conto Maravilhoso* (2002) –, os autores buscam examinar os efeitos de sentido resultantes dessas interações que, continuamente, interferem na constituição da significação não somente de um dado texto em suas singularidades, mas também, por meio da trama intertextual, dos próprios discursos dela indissociáveis. Para eles, *The Crow* apresenta-se como um texto midiático provocador, seja pela desconstrução do sagrado pelo profano, seja pela construção do protagonista, cujas ações refletem a complexidade do próprio ser humano.

Na sequência, o texto “A placenta clariciana: o *it* vivo e seu instante-já-aleluia”, de Fernando de Freitas Moreira (Universidade de São Paulo), discute a ideia de “abstração linguística” em *Água Viva*, de Clarice Lispector, procurando, nas marcas deixadas na enunciação-enunciada, lançar luz sobre as características do processo criativo que alimenta o enredo. Com esse objetivo, o autor buscará demonstrar que há, nessa obra, uma grande provocação e um enorme questionamento sobre a ocorrência do processo de fluidez do sentido, um projeto maior que quer garantir à língua e à escrita a possibilidade de ultrapassagem semântica de quaisquer limites, mostrando a força das construções sintagmáticas do discurso, cujo ponto de partida é o afeto, o sentir. Nas palavras de Moreira, o texto clariciano, como nas artes, parece ter a intenção de fazer fracassar um “projeto pasteurizador da

existência, em busca do desbravamento do desconhecido, sem muletas facilitadoras de acesso ao sentido [...]. É quase um desejo de reencontro com o esvaziamento de significações partilhadas para, então, emergir novamente, com sentidos mais ampliados”.

Para concluir o número, o artigo de Andrei Fernando Ferreira Lima, “Hieróglifo: um conceito à luz da semiótica”, vai explorar os processos semióticos de ressignificação e transfiguração do signo a partir do caso específico dos hieróglifos, que ilustram, em sua recepção histórica no Ocidente, um tipo de interpretação narrativa baseada em certa percepção de não-arbitrariedade na relação entre o signo e seu objeto. Partindo dessa perspectiva, Lima, concebendo o hieróglifo como imagem capaz de traduzir os processos de recriação signica, de transformação dos sentidos a partir de contatos diversos entre linguagens, vai propor deslocamentos do signo em contextos históricos e culturais e nos novos revestimentos semânticos que possam adquirir além de suas tradicionais esferas de utilização, bem como das práticas sociais a que se ligam. Para isso, o autor examina a maneira pela qual o conceito revisitado se aplica à leitura de diferentes processos poéticos, aos fenômenos estéticos próprios à linguagem verbal e aos usos da retórica estendida ao campo da significação, salientando que, “à luz das teorias do sentido, a abordagem conceitual do hieróglifo representa um ponto de partida para novos modos de pensar a linguagem poética e os fenômenos que a caracterizam, notadamente aqueles que se referem à sua dimensão imagética”.

Do discurso político à exploração analítica de objetos e temáticas das mais variadas, acreditamos que o leitor da *Estudos Semióticos* encontrará nesta edição um bom material para reflexão e subsídios à interpretação da vida em sociedade no tempo presente. ●

Dados para indexação em língua estrangeira

Fulaneti, Oriana N.; Bueno, Alexandre Marcelo
Estudos Semióticos, Special issue “Political discourse in the
contemporaneity: theoretical and analytical challenges”
vol. 15, n. 1, (2019)
ISSN 1980-4016

Como citar este artigo

Fulaneti, Oriana N.; Bueno, Alexandre Marcelo. Discursos políticos na contemporaneidade: desafios teóricos e analíticos. *Estudos Semióticos* [on-line]. Dossiê temático “Discursos políticos na contemporaneidade: desafios teóricos e analíticos”. Volume 15, n. 1. Editores convidados: Oriana N. Fulaneti e Alexandre Marcelo Bueno. São Paulo, agosto de 2019, p. i-vi. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em “dia/mês/ano”.
